

# 1

## Introdução

Todos os dias somos bombardeados por notícias, imagens e sons, que procuram trazer à tona a realidade que nos cerca. O fenômeno da comunicação, com o incremento da Internet, não deixa passar as tragédias humanas com as quais temos de nos defrontar em nosso dia-a-dia. A fome, as guerras e toda a sorte do que poderíamos chamar de violência estrutural estão na ordem do dia. São fenômenos que brotam da desigualdade e que se apresentam sob formas que, de tão comuns, às vezes acabamos por banalizar. Talvez por isso exista a ciência. Com todos os seus limites e às vezes em busca de uma suposta e equivocada neutralidade, o processo de construção do conhecimento consegue apontar algumas questões que, de tão comuns de se ver, simplesmente...deixamos de ver!

Susan Sontag, escritora estadunidense, em um livro intitulado “*Diante da Dor dos Outros*”, reflete exatamente sobre isso. Como superar o desafio, frente a tantas imagens duras, de não termos mais a capacidade de nos chocar ou nos sensibilizar diante do que se apresenta aos nossos sentidos? Sontag resgata aspectos relevantes da história e conclui que imagens, como um quadro de Goya, ainda no século XVIII já deixavam um notável registro iconográfico dos sofrimentos de seu tempo. De tão atormentador, precisava ser exteriorizado, mostrado, divulgado, mas nem por isso compreendido ou assimilado. Uma das imagens citadas pela autora é a figura de um operário de construção, retratado por Goya que, de tão ferido pelos males da guerra, necessita ser solidariamente socorrido por seus pares, compadecidos de seu sofrimento.

Atualmente as imagens de Sebastião Salgado, notório fotógrafo brasileiro, procuram se aproximar de novas formas de embate além das guerras armadas. Refletem a miséria, a fome, o desprezo pela dor dos outros. São guerras sutis... cotidianas, as quais demonstram a tênue linha entre o que acreditamos ser banal e as misérias humanas que devastam milhares de vidas.

As guerras, hoje, de fato são outras, originadas por um capitalismo feroz que, de tão receoso de mais um ciclo de crises, avança sistematicamente sobre os mais

fracos e são potencializadas por uma globalização desigual. Como sistema contraditório, capaz de adaptações constantes, o metabolismo do capital, ao mesmo tempo em que fragmenta as lutas, cria possibilidades de superação de processos de exclusão gerados no interior da lógica capitalista. Nesse ambiente o gênero humano se vê imerso em subclassificações que, sob o discurso da cidadania, traz à tona a necessidade de construção ou ampliação dos direitos das mulheres, negros, portadores de deficiência, de patologias diversas, homossexuais etc, o que deu origem a importantes estratégias de luta.

A diversidade de lutas por cidadania assume um perfil tão complexo, originando problemáticas específicas, ainda que legítimas, dadas as suas cruéis consequências para homens e mulheres. É o exemplo das mulheres soropositivas e sua inserção específica no mercado de trabalho.

Tal interesse pela temática surgiu de uma inserção prática no Grupo Viva a Vida, na segunda metade da década de 1990, onde as poucas possibilidades terapêuticas traziam à tona questões referentes à sobrevivência das pessoas infectadas pelo vírus HIV. E não eram poucas as questões que atravessavam o cotidiano das atividades do grupo em forma de expressões, de uma questão social latente de consequências de um capitalismo desenfreado e desumano. Questões como medo da morte, preconceitos, pobreza, o processo de doença propriamente dito, a dificuldade de acessar direitos básicos e outras formas de sofrimento e exclusão, emergiam em um grupo composto, em sua maioria, por mulheres.

Uma maior proximidade com instrumentos de análise da realidade, a partir do curso de graduação em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, potencializou o desejo de um maior aprofundamento das questões referentes à mulher soropositiva e sua dinâmica de inserção no mercado de trabalho. Tais questões passam, portanto, por uma leitura da realidade que envolve a dinâmica do trabalho na contemporaneidade, as relações de gênero e a problemática da AIDS. Ainda que tal objeto de estudo passe pela curiosidade científica, não se pode deixar de negar que se trata de um esforço de se colocar, parafraseando Sontag, diante de uma dor que, muitas vezes, não é nossa, mas pela qual devemos buscar e compartilhar caminhos e soluções.

Se o reconhecimento das relações de gênero e da dinâmica da AIDS são fundamentais para uma aproximação com a realidade das mulheres do Grupo Viva a Vida, é a partir da centralidade do trabalho e sua problematização que se podem estabelecer parâmetros estruturais de análise da inserção das mulheres soropositivas no mercado de trabalho.

O trabalho, em suas formas de materialidade, bem como na esfera da subjetividade, atinge as mulheres como grupo excluído e, historicamente, inscrito na ambiência privada. A existência de mulheres trabalhadoras representa, portanto, um desafio situado entre as esferas da reprodução e da produção, suscitando importantes debates entre os diversos paradigmas feministas.

Nesse sentido, é necessário que se estabeleça como fio condutor desta análise, uma reflexão que defenda o trabalho como práxis fundante da sociabilidade humana. Em um momento de grande questionamento da centralidade do trabalho, torna-se imprescindível reconhecer o trabalho nas diferentes formas como vem se apresentando, como defende Antunes:

A transferência de capacidades intelectuais para a maquinaria informatizada, que se converte em linguagem da máquina própria da fase informacional, através dos computadores, acentua a transformação de trabalho vivo em trabalho morto.(...) Há ainda outra tendência caracterizada pela crescente imbricação entre trabalho material e imaterial, uma vez que se presencia, no mundo contemporâneo, em seus setores mais avançados, a expansão do trabalho dotado de maior dimensão intelectual (...) quer nas esferas compreendidas pelo setor de serviços ou nas comunicações, entre tantas outras (2003:13).

Entre as *tantas outras* está, sem dúvida, o trabalho doméstico, cuja invisibilidade requer um olhar analítico que vá além do espaço que se constitui como produtivo. Se é a partir do trabalho que homens e mulheres transformam a natureza e, ao mesmo tempo, se transformam, é também a partir do trabalho que irão gravitar as outras necessidades humanas, tais como o equilíbrio das relações de gênero.

O reconhecimento do gênero como categoria capaz de explicar as relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres foi, sem dúvida, consequência de um longo caminho, trilhado a partir de embates teóricos e práticos. Mas estabelecer a conexão entre o público e o privado e desconstruir dicotomias históricas como

biológico X cultural ou produção X reprodução, tem sido um grande desafio diante pensamento cartesiano impregnado em nossas mentes em séculos de história e produção de conhecimento. Significa reconhecer que, ainda hoje, as mulheres padecem em seu dia-a-dia, de questões relativas a um suposto destino biológico e que lhes imputa uma dura realidade, ainda mais se esta realidade é associada a uma síndrome cuja disseminação e causa de morte considera a grande epidemia da atualidade, a Síndrome da Imunodeficiência Imunológica: a AIDS.

Desde os primeiros casos, oficialmente registrados a partir do início da década de 1980, a AIDS alcançou, no ano de 2007, o número nada desprezível de 33 milhões de portadores de HIV/AIDS. Somente no ano passado foram contabilizados 2,7 milhões de novos casos. Apesar do anúncio pelo Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV e AIDS (Unaid), de uma diminuição do registro de novos casos, em comparação ao ano anterior, não se pode deixar de reconhecer que o quadro é alarmante, tendo em vista atingir, de forma mais agressiva, as regiões mais pobres do planeta, como a África Subsaariana.<sup>1</sup>

Somente no Brasil 600.000 mil pessoas vivem com esta síndrome e, no ano de 2007, cerca de 11.000 pessoas morreram de AIDS. Atualmente, a epidemia tem assumido um perfil bem diferenciado do que apresentou em seus primórdios.

Do início da epidemia, até os dias atuais, houve redução de 51, 5% na taxa de transmissão do HIV durante a gestação, a amamentação e o parto, caracterizando uma importante regressão do quadro de infecção, observado entre os anos de 1996 e 2005. Apesar disso, a taxa de incidência na população idosa masculina foi de 29, 8% em 2005, contra 18, 2% em 1996, para cada cem mil habitantes. Pode-se considerar, a partir destes dados, que há um forte componente **geracional** na epidemia, provavelmente em função da difusão de medicamentos contra a disfunção erétil, ou movido pelo fato de que esta população cresceu em um mundo sem AIDS.<sup>2</sup>

Um elemento indispensável, quando se analisam as transformações pelas quais passa a epidemia de AIDS, é sua dinâmica de **interiorização**, por atingir localidades onde o acesso a bens e serviços é extremamente precário, tendo em vista

---

<sup>1</sup> “Aids dá sinais de retrocesso” – O Globo, 30/07/08

<sup>2</sup> RADIS – Comunicação em Saúde. Nº 53, janeiro de 2007, SUS, MS, FIOCRUZ, ENSP.

as desigualdades regionais, levando-se em conta os mais de 5500 municípios brasileiros, cuja maioria carece de recursos advindos de arrecadação própria e alimentados financeiramente pelos repasses do governo federal. Sendo o HSE um hospital de características regionais, reflete sobremaneira esta realidade, quando absorve mulheres do interior do estado do Rio de Janeiro.

Outro aspecto preocupante é a **pauperização** da epidemia, que avança entre as populações mais vulneráveis e que é potencializada por processos de instabilidade política, processos migratórios, trabalho sazonal e desigualdade de gênero.<sup>3</sup> Esta última acarreta, tendo em vista uma clara simbiose entre a pauperização e a vulnerabilidade ao HIV, um relevante crescimento da epidemia entre as mulheres. Este fenômeno, conhecido entre pesquisadores como **feminização** da epidemia de AIDS, pode ser avaliado a partir de estatísticas que demonstram que, na década de 1980, para cada 26 casos da doença em homens, uma mulher encontrava-se infectada. Hoje, para cada homem, 1,4 é do sexo feminino.

Estes aspectos multifacetados de nossa cultura, potencializados por significativas diferenças de nossa população quanto ao comportamento sexual, acabou por gerar, no Brasil, um tipo híbrido de AIDS, com vários epicentros, e que não pode ser considerada como um fenômeno unificado e único, mas diferenciado e dinâmico (Leite, 1999: 94), o que torna a AIDS um grande mosaico a ser desvendado.

De caráter global, estes fenômenos desenvolvem o ambiente para o avanço da epidemia. Trata-se, na visão de Sontag (1989), de uma *doença metáfora*, capaz de sintetizar aspectos negativos de um determinado contexto histórico, revelando metaforicamente suas mazelas e contradições. A AIDS, neste sentido, se “*manifesta como uma doença símbolo da globalização e falência mundiais*”, sendo “indissociável dos problemas globais” e da questão social<sup>4</sup> a eles inerentes (Leite, 1999: 240).

---

<sup>3</sup> Idem nota 18

<sup>4</sup>Segundo Telles “... a questão social é a aporia das sociedades modernas que põe em foco a disjunção, sempre renovada, entre a lógica do mercado e a dinâmica societária, entre a exigência ética dos direitos e os imperativos de eficácia da economia, entre a ordem legal que promete igualdade e a realidade das desigualdades e exclusões tramada na dinâmica das relações de poder e dominação”. TELES, Vera da

Este estudo, portanto, se estrutura a partir da tríade trabalho, gênero e AIDS, cujas categorias exigem a contribuição de teóricos que, além de identificar elementos estruturais que compõem a sociedade capitalista contemporânea, dialoga com autores que se debruçam sobre uma realidade multifacetada, porque imersa neste processo de globalização em curso onde se verifica um fenômeno de homogeneização, acarretada pela compressão tempo-espço. Em contrapartida, há uma reação que impulsiona importantes diferenças locais e identitárias.

Os objetivos deste estudo de caso se concentraram na análise de dados que busquem responder como se dá a inserção das mulheres soropositivas no mercado de trabalho a partir das especificidades de gênero e da condição sorológica. Tendo em vista a importância de uma caracterização sócio-demográfica das frequentadoras do grupo Viva a Vida, *locus* da investigação, foram realizadas 29 entrevistas fechadas. Seis mulheres participaram, em uma segunda fase do processo de coleta de dados, de uma entrevista aberta, o que forneceu importantes componentes de caráter qualitativo. Foi entrevistada, também, uma assistente social do Serviço de Doenças Infecciosas do Hospital dos Servidores do Estado (DIP/HSE), onde são acompanhadas as mulheres do grupo. Cabe ressaltar que relevantes informações da dinâmica institucional e do grupo foram propiciadas por um importante processo de observação participante.

No primeiro capítulo procurar-se-á ressaltar os pressupostos teóricos a fim de subsidiar as análises realizadas. Em relevo, encontra-se o significado do trabalho, a partir da teoria de Marx que, em tempos de uma suposta “pós-modernidade” e de uma economia capitalista agressiva, permanece atual e necessária. Avança-se, ainda neste capítulo, em torno de uma discussão que inclui a contribuição do feminismo para o logro de conquistas das mulheres nos últimos séculos e da categoria gênero como condição para a um debate que questione as relações de poder entre os sexos e dicotomias construídas a partir desta relação histórica. Ainda nesta parte do trabalho, se abordará elementos históricos acerca da AIDS, como uma epidemia que se

configura, na atualidade, como um grande desafio para as ciências de um modo geral, dada a sua complexidade e seu caráter incurável.

O segundo capítulo aborda a dinâmica que envolve o Hospital dos Servidores do Estado, mais especificamente o Serviço de Doenças Infecciosas, onde serão focalizados, também, os elementos históricos que o estruturaram como unidade pública do Sistema Único de Saúde (SUS). Nesta lógica, há um esforço de análise do Grupo Viva a Vida, formado, essencialmente por mulheres soropositivas, das quais se faz uma análise do perfil sócio-demográfico.

No terceiro e último capítulo, a partir de uma dimensão eminentemente qualitativa, onde se privilegiou a história de vida de mulheres do Viva a Vida, bem como elementos de uma observação participante, far-se-á uma análise de como se dá a inserção das mulheres soropositivas no mercado de trabalho, cuja problemática requer um resgate analítico da atual política de assistência, que se estabelece em um contexto neoliberal e em cujo ambiente histórico, a profissão de Assistente Social se vê diante de inúmeros desafios.